



ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: Relato de experiência com documentação fotográfica de arquitetura.

*Maria da Conceição Pereira Paulino
Universidade Federal da Paraíba
sra.estrela@gmail.com*

RESUMO

Os documentos fotográficos estão presentes na maioria dos arquivos, e conforme alertam pesquisadores da área, são costumeiramente tratados de forma isolada da documentação textual, o que pode acarretar problemas e suscitar soluções. Neste artigo, relato a experiência de trabalho realizado com o conjunto de fotografias de cidade e arquitetura produzidas pela Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa. Levanta-se questionamentos que se apresentam na relação da Teoria e da Prática na observância dos princípios arquivísticos e as tomadas de decisão da equipe de trabalho.

Palavras-chave: Fotografia. Cidade. Arquivo.

1 INTRODUÇÃO

Representar o mundo por meio de imagens sempre foi uma vontade humana. Presente desde as pinturas nas cavernas, até as gravuras encontradas nos mais diversos objetos, artefatos de diversos povos, de diversas culturas, as imagens exercem encanto sejam ela uma pintura, escultura ou fotografia. Pode se considerar que esta última, em comparação com outras formas de imagens, se comunica com seu apreciador/expectador de forma bastante direta, pois sempre têm um conteúdo informacional. Conforme enfatiza Sontag e Figueiredo (2007, p.16),

Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer, mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem. Quaisquer que sejam as limitações (por amadorismo) ou as pretensões (por talento artístico) do fotografo individual, uma foto – qualquer foto – parece ter uma relação mais inocente, e, portanto, mais acurada, com a realidade visível do que outros objetos miméticos.

Usada para diversos fins, a fotografia de fato revolucionou o mundo das imagens. Instrumento de trabalho, não só de fotógrafos, ela é objeto de estudo de várias profissões e em seu percurso já lhe foram atribuídas reflexões de vários pensadores e estudiosos, que questionaram seu valor estético, artístico e histórico. A criação da fotografia é resultado de um longo processo, muitos consideram que seu impulso de invenção se deu antes do século XIX, mas foi nesse período, que ela se consagrou e passou a ser vista como um instrumento de registro da memória.

A fotografia se popularizou de tal forma, que atualmente se fotografa de tudo e quase tudo pode ser fotografado, ao ponto que as temáticas fotográficas são imensuráveis. Dentre essas as cidades sempre foi um tema presente, conforme destacou Possamai (2008, p. 68) isso pode ser entendido por a fotografia ter sido apresentada ao mundo em 1839, mesma época do “advento das metrópoles europeias”, fazendo da cidade “um tema de predileção” que se fez presente nos “primeiros daguerreótipos. Uma das primeiras imagens de Daguerre é o *Boulevard du temple* em Paris”.

Burke (2004, p. 25), cita que George Francis, numa conferência proferida em 1888, recomendou a coleção sistemática de fotografias como a “melhor forma possível de retratar nossas terras, prédios e maneiras de viver”, este mesmo pensador, disse ainda, que no caso de fotografias antigas de cidade, o espectador poderia sentir-se como se estivesse entrando na fotografia para experimentar a vívida sensação de “caminhar por aquelas ruas”.

As profissões da área de comunicação, jornalismo e publicidade, se utilizam em larga medida da fotografia, contudo os arquitetos também fazem uso desse recurso, muitos até se especializam como fotógrafos. De acordo com Kossoy (1985, p.36) as fotografias são:

importantes para estudos específicos nas áreas de Arquitetura, Antropologia, da Etnologia, da Arqueologia e demais ciências, as imagens que contenham um reconhecido valor documentário, pois representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de recuperação da informação.

As imagens das paisagens urbanas e monumentos de diversas cidades do mundo (Paris, Londres, Viena, Berlim, Veneza entre outras) que conhecemos hoje, se converteu num legado cultural de valor quase incontestável. Isso só foi possível graças aos fotógrafos, que se descobriam, pesquisavam, se aprimoravam ao longo dos anos, até se consagrarem como profissionais da área (SEGALA, 2005). Com o tempo, eles passaram a ser contratados por gestores municipais e instituições públicas, de diversas cidades, inclusive do Brasil, com a

finalidade de realizarem estes registros. O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) instituiu “política de documentação fotográfica”.

Em cartas a Rodrigo Mello Franco (1936-1945), Mário de Andrade sublinha, por diversas vezes, a importância da fotografia como documentação comprovante nos processos de inventário e nas recomendações de tombamento e restauração das "obras de arte patrimonial". Indica a necessidade de a instituição contar com um "serviço intensivo de fotografia"[SIC], um trabalho profissional bem instruído que precisasse informações para estudos comparativos "na reconstituição de monumentos da nação". Insiste na idéia de um acervo cumulativo – "um arquivo central único de negativos" – que objetivasse, por operações seletivas e de transcrição, o repertório valorado de bens culturais do país. (SEGALA, 2005, p. 78).

Assim, os arquitetos consideram que as fotografias são um instrumento imprescindível na realização de inventários de bens móveis e imóveis. Além da fotografia convencional, os arquitetos e urbanistas, usam também as fotogrametrias terrestres, que possibilitam um levantamento geométrico importante para os projetos arquitetônicos e urbanísticos. Assim, no exercício de seu trabalho, produzem o que denominam de *fotografia documental de arquitetura*, podemos destacar dentre os gêneros que utilizam a

macrofotografia ou fotografia em distância muito aproximada é importante nos trabalhos de documentação e de restauro, porque nos permite visualizar detalhes reduzidos, trincas, texturas, marcas de construção, sinais de degradação dos materiais, insetos xilófagos, pequenos objetos de interesse cultural, como peças arqueológicas reduzidas e similares. (OLIVEIRA, 2008. p. 71).

Percebemos assim que estes profissionais, além de produzirem documentos no exercício de suas atividades, fazem uso desta mesma documentação como fonte de informação para outras atividades que também realizam, como elaboração dos projetos arquitetônicos, conforme Burke (2004, p.104)

Historiadores da arquitetura fazem uso regular de imagens a fim de reconstruir a aparência de prédios antes da sua demolição. ampliação, restauração [...]. Por sua vez historiadores urbanos frequentemente utilizam pinturas, impressos e fotografias para imaginar e possibilitar que seus leitores imaginem a antiga aparência das cidades – não apenas os prédios, mas também os porcos, cães e cavalos que vagueavam pelas ruas ou as árvores [...]

As fotografias são um gênero documental bastante comum nos arquivos, neste artigo, exponho do ponto de vista arquivístico as fotografias de cidade e arquitetura, faço um relato

da experiência de trabalho realizada com a coleção de fotografias produzida pelos integrantes da Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa.

2 A COMISSÃO DO CENTRO HISTÓRICO, SEUS DOCUMENTOS E O FAZER ARQUIVÍSTICO

A Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa foi criada pelo Governo da Paraíba em 1987 com a missão implantar e gerenciar as obras de restauração dos bens culturais edificados do Centro Histórico da cidade de João Pessoa. Integrada basicamente por arquitetos em seus 18 anos de atuação produziu vasto acervo documental formado por documentos textuais, cartográficos e fotográficos.

Esta ação foi resultado do Convênio Brasil Espanha, acordo de cooperação firmado entre os governos desses países, para a execução do projeto que ficou popularmente conhecido como “A revitalização do Centro Histórico de João Pessoa”, no qual o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN antigo SPHAN), teve o papel principal como integrante dessa Comissão. Cabe registrar que o sucesso obtido com a execução dessas restaurações contribuiu para o processo de tombamento do Centro Histórico de João Pessoa por esse órgão em 2009.

As fotografias produzidas por essa Comissão, foram feitas com esse olhar documentário, orientado pelos seus fundadores Rodrigo Melo Franco de Andrade e Mário de Andrade e tinham o objetivo de registrar, de historiar todo trabalho realizado, as reuniões da equipe, as visitas técnicas, as obras, as inaugurações e as exposições que realizavam. O acervo fotográfico é composto por aproximadamente 6.000 peças documentais. O objetivo dos registros foram identificar os problemas de estrutura física, bem como mostrar o antes e o depois das intervenções realizadas nas edificações, ou seja, das obras e ações de restauração. Assim, as fotografias foram realizadas nos inventários desses bens, ou seja, no levantamento de campo, abaixo segue uma amostra dessa documentação fotográfica.

Figura 1: Fachada principal. Fotografia P&B 12x9 cm. Identificação. Período déc.1970.



Figura 2: Primeiro pavimento. Fotografia COR 15x10 cm. Identificação. Período: 1988.



Figura 3: Vista interna do primeiro pavimento. Fotografia COR; 15x10 cm. Obras.



Figura 4: Vista interna do primeiro pavimento. Fotografia COR; 15x10 cm. Obras.

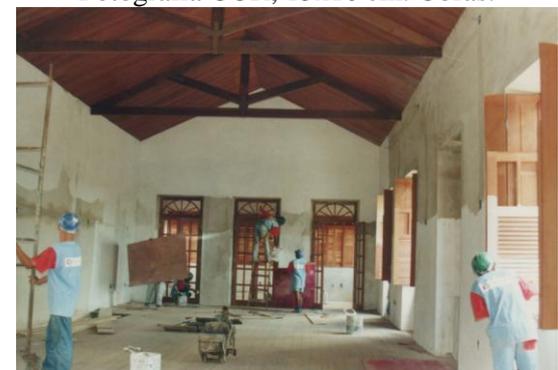


Figura 5: Fachada. Fotografia COR; 10x15 cm. Obras.



Figura 6: Fachada. Fotografia COR; 10x15 cm. Obras



Fonte: Fundo Documental Convênio Brasil Espanha. IPHAN-PB

Estas fotografias referem-se ao bem tombado individualmente pelo IPHAN denominado “Imóvel à Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 02”, situado no Bairro do Varadouro, em João Pessoa/PB. A primeira imagem é da década de 1970, não foi possível precisar a data exata das demais fotografias, bem como seus autores, contudo, de acordo com a documentação textual, estes registros foram realizados no período de 1997, quando se iniciaram as obras, sendo concluídas em 2002.

A análise do conjunto documental revelou que estas fotografias foram usadas principalmente para ilustrar documentos textuais, compostos basicamente de relatórios, com

diversas finalidades, e para ilustrar os diários de obra. Os relatórios elaborados, foram produzidos em várias vias, pois que cada uma das instituições membros do Convênio (órgãos e secretarias do Governo do Estado, da Prefeitura Municipal, do Governo Federal e para Agência Espanhola de Cooperação Internacional), recebiam um exemplar. Devido a isso, foram reveladas em diversas cópias de um mesmo original, pois que elas foram coladas no corpo do texto dos relatórios. Depois de usadas para ilustrar os documentos textuais, as fotos que “sobravam” foram, por algum motivo, acondicionadas e arquivadas de várias formas e quase sem nenhum critério arquivístico.

Figura 7: Foto do Álbum Miscelânea.

Visualiza-se as fotografias do Imóvel ao Pátio de São Frei Pedro Gonçalves, nº 02.



Fonte: Fundo Documental Convênio Brasil Espanha. IPHAN-PB

Figura 8: Álbum Miscelânea.

Nesta imagem visualiza-se fotografias coladas em papel rascunho.



Fonte: Fundo Documental Convênio Brasil Espanha. IPHAN-PB

Figura 9 e 10: A mesma fotografia, colada em papel rascunho e acondicionada no Álbum Miscelânea



Fonte: Fundo Documental Convênio Brasil Espanha. IPHAN-PB

As figuras acima mostram uma parte da situação, ou seja, as fotografias acondicionadas em álbuns que estavam identificados por bem, criando uma unidade temática, ou seja, cada imóvel, deveria ter um álbum específico, com fotos somente deles. Contudo, foram criados os Álbuns denominados Miscelânea. Muitas fotografias foram encontradas afixadas (coladas) em papel rascunho, inseridos dentro de envelopes plásticos que formavam brochuras aleatórias, ou seja, vários bens no mesmo álbum, conforme podemos visualizar nas figuras.

Essa situação gerou um impasse na equipe de trabalho, alguns membros passaram a defender a ideia de criar álbuns com unidade temática e para tal seria preciso descolar as fotografias e integrá-las aos álbuns existentes. A equipe da área da restauração, discordou dessa ação e alegou que algumas fotografias poderiam ser danificadas no processo de descolamento, bem como, compreendeu que essa documentação, deveria ser mantida do jeito que estava, pois que poderia ter um sentido de assim ter ficado. Diante disso, cabe um questionamento, poderia nesse caso, se considerar o contexto de criação das fotografias, e ser tomada a decisão de criar os álbuns temáticos? Que atitude pode ser considerada a mais adequada?

As ponderações de Lacerda (2012) são perfeitas para este caso. Ao pensar a respeito da identificação da função dos documentos dentro dos diferentes contextos de criação de fotografias, diz essa autora, que quando o documento fotográfico se apresenta num

relatório anual, jornal institucional, relatório de trabalho [...] ela não pode ser pensada de forma isolada. Mas é parte do documento maior no qual foi inserida e do qual virou peça integrante e indissociável [...] outra situação diz respeito aos inúmeros documentos fotográficos avulsos que se apresentam nos arquivos [...]. Nesse caso há que se considerar as referências

que o documento possa trazer em sua materialidade e buscar origens de sua produção a partir do entendimento do contexto funcional no qual surgiu, [...]. Fotografias arquivadas, separadas de sua utilização original, precisam ser recontextualizadas.. (LACERDA, 2012. p 292).

A situação ilustrada por esta autora se aplica, de forma integral, a essa documentação fotográfica, pois que existe os dois casos nesse arquivo. Nesse sentido, o contexto de criação dessa documentação, poderia ter sido considerado na tomada de decisão. De acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, o Princípio da Pertinência, também denominado de Princípio Temático, afirma que os documentos “deveriam ser reclassificados por assunto sem ter em conta a proveniência e a classificação original”. Da mesma forma, o Princípio da Reversibilidade diz que “todo procedimento ou tratamento empreendido em arquivos pode ser revertido, se necessário”. Dessa forma, consideramos o pensamento de recriar os álbuns com unidade temática, estaria correta de acordo com esses princípios.

Outro ponto importante do trabalho com estas fotografias diz respeito a sua descrição. Conforme aponta Barradas (2017, p. 26) “a descrição tem como objetivo sistematizar a informação mais pertinente relativa a cada imagem, e juntamente com a indexação facilitar a pesquisa por parte dos utilizadores”. Destacamos que essa foi também uma das preocupações, pois nas fichas descritivas, precisávamos identificar o assunto temático, que foram definidos de acordo com as atividades da Comissão, sendo Identificação, Obra e Fiscalização, o maior número delas.

Essa parte do trabalho, exigiu da equipe uma análise cuidadosa da documentação textual, pois a determinação dos Assuntos nas fotografias que estavam dispersadas da documentação textual, tornava alguns casos de difícil verificação. Exemplificando: Uma fotografia que mostrava uma Imagem Sacra quebrada, seria um registro de um acidente, ou seja, a uma ação de fiscalização, ou uma identificação? Como definir que uma fotografia da fachada de um imóvel, ou de um mobiliário interno, seria apenas o resultado de uma ação de identificação para um inventário de bens?

Muitas dessas dúvidas só puderam ser sanadas, com o conhecimento do conteúdo dos documentos textuais. Apenas as fotografias relativas ao assunto Obras, eram facilmente identificadas, pois quase sempre mostravam restauradores e artífices (pedreiros) em atividade, outras fotografias tinham o foco numa peça onde claramente se visualizava uma ação intervenção.

Assim, de acordo com Kossoy (1985, p.34), os elementos essenciais da fotografia são o **Assunto**, que é o tema/fragmento da realidade registrado, o **Fotógrafo**, que é o autor do

registro, a **Tecnologia**, que são as técnicas e processos empregados na produção da fotografia. Estes elementos estão atrelados ao **Espaço** e ao **Tempo**, ou seja, ao local e a época em que foram feitos os registros. A fotografia é assim o produto final, é o objeto/imagem. Contudo, esse mesmo autor alerta que

Os elementos constitutivos de uma fotografia deixam de ser puramente descritivos no momento em que se conhece detalhes de sua história particular. A crítica histórica às fontes fotográficas pode então ser desenvolvida na medida em que se tenha uma somatória ampla de informações a respeito desses elementos, já pesquisada e catalogada. (KOSSOY, 1985. p. 42).

Este autor, que é arquiteto, ao tratar da crítica às fontes realizadas pelos historiadores, aplicando suas análises à fotografia, revela aspectos que podem contribuir para o fazer arquivístico, diz ele que

Toda fotografia que estudamos foi produzida em determinada época com uma certa finalidade, com um certo propósito. Se um fotógrafo foi incumbido de retratar determinada personagem, ou documentar o andamento de obras de implantação de uma estrada de ferro ou os diferentes aspectos de uma cidade, ou, enfim, qualquer um dos inúmeros assuntos que por razão ou outra demandaram sua atuação, esses registros (que foram produzidos com uma finalidade documental), representam, tanto hoje, quanto no futuro, um meio de informação, um meio de conhecimento e conterão sempre seu valor documental. Isso não implica, entretanto que algumas destas imagens não foram harmoniosamente compostas pelos seus autores e não contenham valores estéticos. O que prevalece nessas imagens é, contudo, a importância do **testemunho fotográfico**. (KOSSOY, 1985, p.35. Grifo do autor).

Assim também Burke (2004), ao analisar uso da imagem pelos historiadores como evidência histórica, indica que é preciso que se faça uma análise profunda, para além do conteúdo da mensagem que a fotografia quer passar. Espera-se que os historiadores saibam identificar o não dito, pois, para poder usar a fotografia como prova de suas afirmações históricas, há que apresentar o contexto de criação da fotografia, e mostrar, como e para que a fotografia foi criada. Nesse sentido alerta também Schwartz (*apud* LACERDA, 2012, p. 296)

o valor informacional de uma fotografia está fixado pelo seu conteúdo, já o seu valor de prova não é nem absoluto, nem estático, ao contrário, varia segundas circunstâncias diferenciadas de criação do documento.

O que se verificou com esta experiência é que as fotografias estavam dispersas, sendo comum encontrar a mesma fotografia em diferentes relatórios e álbuns, ou seja, essas fotografias, haviam, com alguma medida, perdido a relação orgânica com o restante da documentação. Cabe lembrar também como alerta Gaspar (2015, p.29) que

O trabalho num arquivo de fotografia é orgânico e existem sempre várias tarefas a realizar sobretudo de manutenção contínua: seja nos depósitos, materiais ou procedimentos de conservação; no entanto hoje em dia são muitos os arquivos que se deparam com dificuldades na concretização dos seus objetivos.

Essa dispersão é totalmente prejudicial para a recuperação da informação, e exige que a organização estruture de fato um Arquivo, tomando decisões para favorecer o trabalho do usuário interno e a consulta do usuário externo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura referenciada neste artigo mostra que são muitos os aspectos que precisam ser observados ao se trabalhar com documentação desse tipo. Todos os autores afirmam que para trabalhar com essa documentação, é preciso ter o conhecimento do seu contexto de criação. Para o caso exposto, o conhecimento das atividades da Comissão que as criou, da história desse Convênio e da sistemática de trabalho dos profissionais arquitetos, foi importante nessa experiência. Esse conhecimento foi possível a partir da leitura da documentação textual, o que mostra que isso deve ser uma atitude de todo arquivista.

Contudo, foi decisivo também para este trabalho, o conhecimento histórico da cidade, de suas ruas, de seus lugares, de sua história urbana, pois que muitas fotografias estavam sem nenhuma informação que pudesse identificar o bem registrado. Apenas com o conhecimento da Centro Histórico, foi possível realizar essa descrição. Vale ressaltar que as fotografias requerem do profissional arquivista habilidades e conhecimentos específicos, seja por se tratar de documentos que podem ter diferentes suportes, de material sensível e com características, elementos constitutivos e formatos variados.

Com esse relato, espera-se ter contribuído para o debate que articula a relação teoria e prática, já que essa é uma questão existente em quase todas as áreas profissionais e sempre muito discutida nas salas de aula. Os casos aqui apresentados servem para demonstrar as possibilidades de ações que podem ser executadas e contribuir na análise de vários fatores que devem ser observadas pelos arquivistas no exercício da sua profissão.

BETWEEN THEORY AND PRACTICE: Experience report with photographic
documentation of architecture

ABSTRACT

Photographic documents are present in most archives, and as researchers in the area warn, are usually treated in isolation from textual documentation, which can lead to problems and solutions. In this article I report the work experience with the set of city and architecture photographs produced by the Permanent Development Committee of the Historic Center of João Pessoa. I raise questions that are presented in the relation of Theory and Practice in observance of the archival principles and the decision-making of the work team.

Keywords: Photography. Architecture. Archive.

REFERÊNCIAS

BARRADAS, Graça. O fundo fotográfico Teófilo Rego. Da Preservação ao acesso on-line. *In* BARRADAS, Graça AZEVEDO, Inês. MATEUS, Joana. **Fotografia e Arquivo**. Porto/Portugal: CESP/ESAP. 2017.

BURKE, Peter. Testemunha Ocular: **História e Imagem**. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru/SP: Edusc, 2004.

GASPAR, Cláudia. A conservação de fotografia. Perspectiva de uma fotógrafa no arquivo. *In* BARRADAS, Graça. AZEVEDO, Inês. MATEUS, Joana. **Fotografia e Arquivo**. Porto/Portugal: CESP/ESAP. 2017.

KOSSOY, Boris. **A fotografia como fonte histórica: Introdução à pesquisa das imagens do passado**. Recife/PE: Fundação de Cultura da Cidade do Recife. 1985.

LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: Produção de Sentido de Documentos Visuais. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos/RJ.v. 19, n. 1, jan/mar2012. p. 283-302.

OLIVEIRA, Mario Mendonça de. **A documentação como ferramenta de preservação da memória**. Brasília/DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2008. (Cadernos Técnicos; 7).

POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia e Cidade. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 67-68 77, jan.-jun. 2008.

SEGALA, Lygia. A coleção fotográfica de Marcel Gautherot. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo/SP v. 13, n. 2, p. 73-134, dez, 2005.

SONTAG, Susan; FIGUEIREDO, Rubens. **Sobre fotografia**. Tradução. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.